

A trajectória de dois bandidos armados

por Abel Faife (texto) e Azarias Inguane (fotos)

Notícias
Maputo
9 de Setembro
de 1983
pág.3

N. 9/9/83
p.3

«Como é que, com esta idade, já conseguiram praticar crimes tão horrosos?» — esta é uma exclamação de indignação, de um elemento da população, quando, durante a apresentação de bandidos armados capturados em Inhambane, escutava a descrição das acções perpetradas por cada um deles. Ele refe-

São eles Jorge Luis Gumache, natural de Machova — Vilanculo e Isaac Agostinho Nhaguirrunguane natural de Jangamo e residente em Paindane, respectivamente de 19 e 20 anos de idade. De semblante quase inexpressivo, possuem um olhar assustadico, que vagueia incessantemente em redor da sala brilhantemente iluminada onde o encontro decorre.

Enquanto o Jorge Gumache por vezes fixa detidamente as pessoas mas sem as ver, Isaac Nhaguirrunguane queixa-se de frio embora se encontre agasalhado — debaixo de fortes holofotes nas câmaras cinematográficas

LEVAMOS ENFERMEIROS

Mas deixemos que sejam eles próprios a contarem as suas acções

Eu entrei para os bandos armados em Setembro de 81, na zona de Macuáua. Ia para casa, num elta branco quando encontramos um grupo de bandidos, mandaram-nos descer, queimaram o camião e levaram-nos juntamente com o condutor. Conduziram-nos até ao acampamento de Belane onde permaneci durante seis meses, em treino — diz-nos Jorge Luis Gumache que adianta:

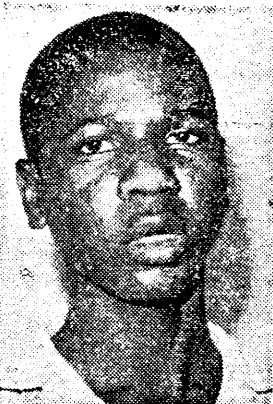
Depois transferiram-me para um acampamento na zona de Tangane, em

Na Estrada Nacional n.º 1 queimámos o táxi do meu antigo patrão. Batemos nele e levamos-lhe dinheiro, documentos, relógio e casaco. Na mesma zona assaltámos a loja do comerciante Manharia, onde levámos 350 contos, queimámos cinco carros e três motorizadas e raptámos três pessoas da população. — bandido armado Jorge Gumache.

Mabote, onde prosseguiu o treino durante mais oito dias. Depois deram-me uma arma e saímos para Muzpsa.

comecei aqui a operar o queimel um camião cheio de sacos de açúcar.

Passados oito dias regressámos a melane e fomos ao Hospital de Ma-



«Em Nhandjele arrancámos a linha férrea e descarrilámos o comboio que ia para Inharrime. Daqui levámos 13 pessoas e o maquinista e oito sacos de farinha» — disse Jorge Gumache

melane. Aquele levámos dois sacos de açúcar e dois sacos de farinha e quatro enfermeiros, dois homens e duas mulheres. Conduzimo-los para o acampamento, onde durante um mês ficaram a cozinhar para nós.

Na localidade de Mabote colocámos duas minas na picada que liga Marriane a Mabote e montámos emboscadas. Assaltámos um camião da MADEMO e um elta que transportava combustível, queimámos tudo. Na mesma picada, emboscámos três vezes as colunas que levavam comida para Mabote.

ria-se particularmente a dois dos criminosos, de facto jovens de nascença, mas endurecidos nas andanças do crime para onde prematuramente resvalaram. Em entrevista dada à Informação, eles desenharam a sua trajectória nas fileiras do banditismo armado até caírem nas mãos da justiça popular.

QUEIMOU TÁXI DO EX-PATRÃO

Mimámos a picada de Luido, onde uma viatura da AGRICOM explodiu e, depois de sairmos de Massinga passámos para Mukodweni e daqui seguimos para Joacane, onde na Estrada Nacional n.º 1, queimámos o táxi de um meu antigo patrão. Batemos nele e levamos-lhe ainda os documentos, relógio, cinto, casaco e dinheiro. Na mesma zona assaltámos a loja do comerciante Manharia, onde levámos 350 contos e outros bens e raptámos três pessoas da população, roubámos uma motorizada «YAMAHA 50», queimámos cinco carros e três motorizadas.

Em seguida atravessámos o rio Joacane e dirigimo-nos a Homoine. Daqui fui transferido para Nhandjele nos limites entre Inhambane e Inharrime, onde queimámos o bazar de Maica e lojas de Cumbana, além de alguns carros

Ainda em Nhandjele, errancámos a linha férrea e descarrilámos o comboio que ia para Inharrime. Daqui levámos 13 passageiros e o maquinista, mais oito sacos de farinha.

Mais tarde fomos a Chibebeni próximo da cidade de Inhambane encontramos um motivo de cocos, levámos um saco e queimámos o resto. Nesse local veio um camião «Berliet» proveniente de Maputo, mandamo-lo parar e queimamo-lo. O condutor levamo-lo para o acampamento de Nhandjele.

MISSÃO DE CONFIANÇA

Perante uma folha de «serviços» tão intensa o Gumache subiu na consideração que dele tinham os seus chefes. Então, uma missão decisiva foi-lhe confiada:

Quando chegámos ao acampamento, chamaram-me e deram-me uma outra missão, juntamente com o colega chamado Agostinho Anibal. A missão era a de irmos fazer o reconhecimento a sectores estratégicos da cidade de Inhambane e da Maxixe.

Conseguiram cumprir essa missão? — perguntámos, ao que Gumache respondeu:

Sim, cumprimos. Reconhecemos o quartel da cidade de Inhambane, o Palácio do Governo, o Comando da PPM, a 1.ª Esquadra, a Rádio Moçambique, o quartel da Maxixe e o Hospital de Chicueque. Depois, já tínhamos concluído o trabalho quando a 3 de Outubro de 82 fui detido pelas milícias. Foi na terminal da Maxixe quando estávamos para apanhar o machimbombo para Cumbana, de regresso ao nosso acampamento. Deixei o meu amigo na bicha e fui ao mercado para comprar bolos, quando regressei ele já não estava e, de repente, fui cercado por milícias e al-



«As vezes levávamos num só dia, 30 bois e 50 cabritos» — Isaac Nhaguirrunguane

guns soldados, que me prenderam... Mais tarde, elementos da Segurança explicaram-nos que o colega do Gumache fora preso antes, quando este se encontrava no mercado e encontra-se sob controlo das Forças de Defesa e Segurança.

ARRANCÁVAMOS GADO SE OS PASTORES NEGASSEM MATAVAMO-LOS

A história de Isaac Agostinho Nhaguirrunguane é aparentemente curta, mas não menos grave. Ouçamo-la,

Se nós não levássemos muitos cabritos e galinhas os chefes batiam-nos porque dizem que como eles são do Norte estão cansados de comer bol, agora só querem cabrito e galinha, os bois são para nós, os do Sul — bandido armado Isaac Nhaguirrunguane.

tal como o próprio no-la descreveu:

Os bandidos armados vieram buscar-me em casa, a 17 de Abril deste ano e levaram-me para um acampamento que tinham em Paindane, onde me deram treino durante 15 dias. Depois deram-me arma e em Maio fomos fazer um ataque a Jangamo e arrancámos sacos de farinha, bois e cabritos, além de outros bens da população em Gumula.

Seguimos, depois, para o acampamento de Chuchululo e daqui para Nharre, onde continuámos a saquear bens das populações. Depois entrei em mais dois ataques em Jangamo e Homoine, onde vim a ser capturado pelas populações, quando depois de um forte contra-ataque dos soldados da Frelimo os meus colegas fugiram e eu perdi-me.

Mas eu trabalhei mais tempo no grupo que roubava gado a comida, quando encontrávamos pastores dizíamos para nos entregarem o gado, se algum deles recusasse matávamo-lo...

OS CHEFES SÓ QUEREM CABRITO BOI É PARA OS DO SUL

As vezes levávamos num só dia 30 bois e 50 cabritos, além de uma grande quantidade de galinhas — prossegue o Nhaguirrunguane.

Se nós não levássemos muitos cabritos e galinhas os chefes batiam-nos porque dizem que como eles são do Norte estão cansados de comer bol, agora só querem cabrito e galinha, os bois são para nós, os do Sul. Portanto, o nosso grupo era o mais confiado porque conseguia levar mais cabritos e galinhas, além de outra comida, embora também não deixássemos de levar bois.